



# CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE EPISTEMOLÓGICO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

*Contributions to the epistemological debate in Religion Sciences*

Raquel de Lourdes de Miranda Guedes Pinheiro\*

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Themis Andréa Lessa Machado de Mello\*\*

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

DOI: 10.29327/256659.15.1-19

SENRA, F., VICTOR CAMPOS, F., ALMEIDA, T. *A epistemologia das ciências da religião: pressupostos, questões e desafios*. Curitiba: CRV, 2020.

A obra advém dos estudos do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião (CR) da PUC/Minas e se soma aos esforços dos muitos pesquisadores e pesquisadoras da Área 44 da CAPES – Ciências da Religião e Teologia. Trata-se de uma composição com nove capítulos que articulam abordagens diferenciadas a partir de perspectivas teóricas diferente e necessárias à reflexão do meio acadêmico, assinala Senra na apresentação (p. 11)<sup>1</sup> que tece um panorama geral do livro sem redundâncias e nem reducionismos, ou seja, Flávio Senra não adianta os textos que seguem, mas catego-

---

\* Historiadora e Mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da UFPB, pelo qual é bolsista da CAPES desde 2022. E-mail: [raquelguedespinheiro@hotmail.com](mailto:raquelguedespinheiro@hotmail.com)

\*\* Assistente social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Licenciada e Especialista em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Mestre e Doutoranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora de Ensino Religioso da Rede Municipal de Educação de Natal. Professora substituta no curso de Ciências da Religião da UERN. E-mail: [themismello@hotmail.com](mailto:themismello@hotmail.com)

<sup>1</sup> As páginas que o leitor encontra entre parêntesis delimitam os textos dentro do livro, por exemplo “(p. 11)” significa que o texto se encontra na página 11, nos casos dos textos seguintes como o Prefácio de Eduardo Gross, por exemplo está delimitado como (p. 13-20) e assim sucessivamente.

riza-os de maneira que facilita a compreensão do leitor acerca do que vai ser encontrado na leitura.

No prefácio (p. 13-20), Eduardo Gross destaca o quão hercúlea é a tarefa de pesquisar teoria, epistemologia ou metodologia em qualquer área, sobretudo em Ciências da Religião e justifica com um breve histórico no qual aponta o surgimento das universidades brasileiras marcado pelo positivismo. Daí a falta de espaço para os estudos em religião, uma vez que os desafios da formação universitária focavam nos interesses tecnológicos econômicos e políticos do país. O autor chama a atenção para o fato de que estudar religiões no Brasil, como formação acadêmica, só se tornou possível a partir de 1980, ainda assim com o estigma de que é o tipo de estudo que não produz uma formação pragmática e imediatista, o que de fato, mediante a escassez de ofertas do mercado de trabalho somos levadas a concordar com o autor.

Outro aspecto é o fato de que sobre o cientista da religião paira o pensamento de que sejam dignatários de uma vida religiosa e assim se justificaria uma profissão advinda de uma formação em religião nesse embate entre o positivismo cartesiano e as ciências humanas mais subjetivas há que se valorizar o diálogo plural e diverso.

No capítulo inicial, Luiz Henrique de Araújo Dutra (p. 20-43) apresenta as suas ideias em três seções, a saber: a) a distinção dos domínios do saber das ciências da natureza (ciências naturais) e das ciências da cultura (humanidades); b) uma abordagem de uma ontologia renovada com aportes 'emergentista' e 'perspectivista' que permite a compreensão das diferenças entre as ciências envolvidas mediante a diversidade dos fenômenos estudados por ambas; e por fim, c) a noção do modelo científico (a questão metodológica). O autor destaca que a concepção dualista dos seres humanos é o discurso auxiliar da separação entre as ciências, ou seja, enquanto seres humanos somos biológicos, mas também consciência.

Portanto, as características ontológicas e metodológicas das ciências da natureza mostram que lidam com causas naturais, objetos materiais, elaboram teorias articuladas, são objetivas e convergentes, enquanto as ciências da cultura, regra geral, lidam com valores, abstração, correlações empíricas, interpretações, subjetividades e divergências; em comum apresentam como elo de ligação os modelos científicos, embora com ressalvas uma vez que as construções teórico-conceituais são distintas. Nesse sentido, a unidade entre as ciências da natureza e as ciências da cultura não reside nos princípios, mas nos fatos metodológicos, na atividade de modelagem que apresenta uma base comum às duas.

Trata-se, portanto, de um texto que apresenta uma análise perspicaz das divergências e pontos de convergência entre as ciências da natureza e as ciências da cultura, destacando a importância da atividade de modelagem como um elo comum. No entanto, poderia ser enriquecido com exemplos concretos para ilustrar as complexidades dessas relações e tornar a argumentação mais acessível ao leitor não familiarizado com os conceitos abordados, muito embora não seja uma limitação do autor, mas que não há como esgotar a temática e então, seja tarefa impossível conhecer a hermenêutica por completo, sobretudo pela natureza dinâmica de cada ciência.

No campo do debate epistemológico das Ciências da Religião, Eduardo Rodrigues da Cruz (pp. 47-53) busca desmistificar o uso de termos sofisticados e aproximar a disciplina de um bom senso mais estabelecido na filosofia da ciência. A epistemologia tradicional, voltada para o estudo do conhecimento e da crença justificada tem evoluído para uma abordagem mais voltada para processos, especialmente após os anos 50 do século passado. A transição para uma abordagem mais prática da epistemologia, alinhada com as práticas específicas das disciplinas científicas, levou ao desenvolvimento de uma Filosofia da Ciência com dimensões históricas e sociológicas, o que nos leva a concordar com o autor que se por um lado o engajamento do pesquisador reflete os seus interesses sociopolíticos, também deu lugar às abordagens epistemológicas militantes que rechaçam o tradicionalismo, como a feminista e a pós-colonialista, por exemplo.

A Ciência da Religião, enquanto disciplina, requer uma abordagem multidisciplinar e pluralista, considerando diversos métodos e objetos de estudo. A epistemologia da virtude, uma abordagem mais normativa, destaca valores como acurácia, consistência, originalidade e responsabilidade intelectual na produção do conhecimento científico. Esta abordagem busca superar desafios associados à determinação e avaliação do conhecimento, reconhecendo que a ciência é um empreendimento coletivo, sujeito a debates e revisões constantes. Embora valores morais possam influenciar a pesquisa científica, é importante distinguir entre os domínios da ética, da política e da epistemologia, evitando abordagens que privilegiem agendas políticas em detrimento da busca pela verdade objetiva. A epistemologia, ao resgatar virtudes epistêmicas como a honestidade intelectual e a busca pela verdade, busca preservar a integridade do processo científico e evitar relativismos excessivos.

A estranheza apresentada por Frank Usarski (p. 55-68) enquanto cientista da religião com formação no Exterior<sup>2</sup> é de que no Brasil, apesar da firme caminhada acadêmica da Área os profissionais brasileiros ainda duvidam do que já deveria estar consolidada: a identidade nacional, sobretudo pelo arcabouço teórico existente, traduzido pelo perfil epistemológico que evidencia o estado da arte. Para Usarski, tal dicotomia é fruto do discernimento particular de alguns profissionais que não alcançam as fontes, quer seja por limitações linguísticas ou técnicas. Com o objetivo de mitigar essa lacuna, o autor apresenta um texto reflexivo baseado em três pontos, dois iniciais genéricos, que apontam para a ideia central do texto, tratam das especificidades da ciência: a postura acadêmica exigida por cientistas empíricos e as constituintes formais de uma disciplina universitária; outro, de modo específico, trata dos elementos identitários da Ciência da Religião, extraídos dos autores clássicos da área.

Na esteira dos textos anteriores e ainda tratando sobre os aspectos epistemológicos, o capítulo de Fabiano Victor Campos (p. 69-100) propõe uma análise crítica da polaridade dicotômica entre explicação e compreensão, que tem sido um ponto de contenda nas reflexões epistemológicas dentro do campo das Ciências da Religião. Ao examinar as raízes históricas desse debate e sua relação com os métodos próprios das Ciências da Natureza e Humanas, o autor destaca como as CR tem lidado com essa dicotomia e as consequências desse posicionamento para suas pesquisas e identidade disciplinar. Nesse sentido, é evidente a ideia do autor acerca das preocupações epistemológicas que norteiam os cientistas da religião, visando afirmar o status científico da disciplina, demandam uma abordagem crítica que muitas vezes tem sido evitada ou tratada de forma superficial.

A autocompreensão das Ciências da Religião como um campo de estudo legítimo, exige um engajamento mais profundo com as questões epistemológicas subjacentes e ignorar ou subestimar a complexidade dessa dicotomia compromete não apenas a qualidade das pesquisas realizadas, mas também a integridade intelectual da própria disciplina. Por esse entendimento, é crucial considerar as contribuições críticas da fenomenologia hermenêutica de Paul Ricoeur para superar essa dicotomia, afirma Campos (2020). Isto posto porque Ricoeur oferece uma perspectiva que transcende a mera oposição entre explicação e com-

---

<sup>2</sup> A palavra Exterior está no texto escrita com letra maiúscula para respeitar a escrita original dada por Frank Usarski, que certamente refere-se a ele próprio, sobre o fato de ter parte da sua formação na Alemanha.

preensão, permitindo uma abordagem mais integrativa e reflexiva das questões religiosas. Portanto, é imperativo que a Ciência da Religião abrace um diálogo mais robusto e crítico com suas bases epistemológicas, reconhecendo a necessidade de superar as limitações impostas por essa polaridade dicotômica no sentido de alcançar um maior rigor científico e uma compreensão mais profunda dos fenômenos religiosos.

O capítulo escrito por Amauri Carlos Ferreira e Flávio Senra (p. 101-116) aborda a chegada da disciplina no Brasil e a interdisciplinaridade com outras áreas científicas. O ponto de partida das Ciências da Religião no país há cerca de três décadas, foi de diálogo com experiências da disciplina na Europa, e assim fortemente marcada pela Teologia, nascida no seio de instituições confessionais, sem intenções de criar uma nova área de conhecimento, mas com o objetivo de ampliar o debate existente no ambiente eclesial. Os autores fazem uma retrospectiva sobre a constituição e os primeiros movimentos das Ciências da Religião com a formação dos primeiros programas de pós-graduação da área, especificando que estabeleceram uma abordagem a partir de uma perspectiva sobre perspectivas e que não se pode compreender tal realidade de outro modo.

Analisa-se a interdisciplinaridade<sup>3</sup> um método perspectivo que tem atravessado os trinta anos de consolidação das ciências da religião em solo brasileiro, em busca de uma identidade pluralista e não confessional. Ainda nesse capítulo, é retratada a necessidade de as Ciências da Religião romper com os modelos racionalista e positivista presentes na academia, assumindo uma abordagem interdisciplinar, pois o próprio fato religioso é complexo e exige estudos que discutam com outras áreas disciplinares. A interdisciplinaridade, na visão dos autores, não é uma temática recente e nem uma unanimidade, mas foi adotada por questões circunstanciais dentro das instituições que se propuseram a iniciar os primeiros programas de CR no Brasil, por ser um método em ascensão, apesar da visão sobre a disciplina ser na época, muito vaga.

Concordamos que as Ciências da Religião teve a sua origem atrelada aos Programas de Pós-graduação confessionais, mas que ao longo da sua trajetória e desenvolvimento tem procurado um caminho em busca de se consolidar como uma ciência independente da teologia, de caráter plural e não confessional, propondo-se a trabalhar em interdisciplinaridade com outras ciências, por ser uma área de estudo recente e ainda em busca da sua identidade.

---

<sup>3</sup> A interdisciplinaridade se realiza em fronteiras com outras áreas de conhecimento, no contato com novas ciências, gerando um campo novo na junção de disciplinas (Ferreira; Senra. p. 109).

A temática da interdisciplinaridade também trabalhada no texto de Tatiane Aparecida Almeida (p. 117-130), aborda uma perspectiva de apresentar a distinção e a relação entre disciplinaridade e interdisciplinaridade nas Ciências da Religião no âmbito pedagógico, científico e epistemológico atual. A autora faz um recorte histórico sobre o desenvolvimento da disciplinaridade, a partir dos primórdios do capitalismo e da ciência moderna, que ganha notoriedade no desenvolvimento das universidades, nos séculos XVIII e XIX. Já a interdisciplinaridade surge recentemente, a partir da década de 1960, como uma crítica ao método disciplinar. A autora destaca ainda a importância da ciência surgir a partir de movimentos progressistas que lutavam pela redemocratização da sociedade, como por exemplo, o movimento estudantil, também como precursora da crítica da disciplinaridade, sendo um contraponto ao método. Após um período de pouca credibilidade no Brasil, a partir de 1970, a ciência passou por um processo básico de estruturação, com uma mudança importante, a interdisciplinaridade asseguraria o desenvolvimento das pesquisas nas universidades, sendo o seu avanço trilhado paralelamente ao da construção e evolução da educação.

A autora descreve o surgimento dos primeiros programas de Ciências da Religião, nos quais os estudos das interdisciplinaridades começaram a se desenvolver a partir de 1969, sobretudo, com a criação do Programa de Pós-graduação da Universidade de Juiz de Fora (UFJF), primeiro da área, seguido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), em 1978 e 1979, respectivamente. As Ciências da Religião no Brasil tem em sua característica a contribuição de outros saberes provenientes de várias áreas de conhecimento, a saber: História, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Filosofia. A autora enfatiza que Usarski concebe as Ciências da Religião como ciência integral, como um ponto de intersecção do que ele chama de várias subdisciplinas. Mas esse não é o quadro inicial das Ciências da Religião no Brasil, que seguiu uma perspectiva interdisciplinar e não como uma ciência autônoma, segundo Ferreira e Senra (p. 126).

O debate gerado no texto de Tatiane Aparecida Almeida continua nos dias atuais, pois essa é uma discussão que prevalece entre os teóricos da área, seria a Ciência da Religião uma disciplina autônoma, ou uma área em intersecção com outras ciências? Ciência da Religião ou Ciências da Religião? Concordamos que é um tema que ainda suscita muitos debates, e abre espaço para as duas abordagens.

No texto de Pierre Gisel (p. 131-148) é apresentada uma abordagem acerca dos conflitos entre a Teologia e as Ciências das Religiões. Inicialmente fala sobre a neutralidade ou engajamento, o que, segundo o autor não aconteceria com alguns teólogos, que colocam em primeiro lugar os interesses da instituição religiosa. Apesar dessa observação, defende não ser possível existir uma neutralidade científica, mas que os programas e pesquisadores das instituições confessionais das CR, devem procurar uma emancipação progressiva. A segunda abordagem na ordem de debates tem como título, Pluralidade Religiosa ou busca de uma tradição determinada. No desenvolvimento desse título, afirma que a superação da oposição entre as duas ciências, visando uma coexistência pacífica não pode ser resolvida através da criação de plataformas acadêmicas, apesar de que trocas e interações possam acontecer a partir desse caminho.

A terceira ordem de debates fala sobre um deslocamento ou um descentramento operado pelas ciências das religiões, pois o fenômeno religioso seria múltiplo, e não mais o mesmo que a teologia estuda. Além do que, nem todas as formas religiosas desenvolvem uma teologia. Nessa abordagem, o autor aponta também a discussão se a religião leva a uma organização comunitária ou eclesial própria. Então, sugere que seja analisado as duas principais referências do significado da palavra religião, o *Relegere* e o *Religare*. Enfim, o autor deixa claro que ambas as disciplinas, mesmo com suas especificidades tem uma relevância para a sociedade.

A Teologia embasa algumas tradições religiosas, com muita ênfase, o Cristianismo. Entendemos que ao longo do seu desenvolvimento como um novo campo de estudo, as Ciências da Religião tem procurado se desvencilhar da Teologia, junção natural num processo inicial da chegada ao Brasil, já que iniciou o seu caminho em instituições confessionais, com exceção da UFJF, uma instituição pública. Apesar da busca pelo distanciamento, concordamos com o autor que ambas são importantes para a sociedade, porém observando que a independência de ambas é salutar e relevante para que as Ciências da Religião se estabeleça definitivamente como autônoma, independente da Teologia.

No texto de Paulo Agostinho Nogueira Baptista (p. 149-168), há uma preocupação com o estudo das religiões a partir das epistemologias decoloniais, afirmando que, enquanto a caminhada desses estudos em academias do primeiro mundo avançou, os desafios no terceiro mundo continuam enormes. O autor fez um levantamento bibliográfico em busca de

contribuir para essa discussão, com pesquisa em autores como Mircea Eliade, Karl Popper e Thomas Kuhn.

Dando continuidade ao texto, apresenta as epistemologias críticas pós-coloniais e o paradigma ecológico. Ele vai utilizar o princípio epistemológico de Eliade para desenvolver as discussões, assim como o princípio epistemológico de Jupiassu, que derruba o mito da neutralidade e da objetividade científicas. Continua o texto, afirmando que o paradigma ecológico nasce como crítica ao paradigma moderno, por sua vez, foi contraponto ao dogmatismo clássico e medieval, e ao existencialismo. Posteriormente, pensadores como Edgar Morin oferecerão novas perspectivas sobre a epistemologia, dentre eles, o pensamento complexo, em oposição ao conhecimento fragmentado.

Esse movimento mostrado pelo autor é extremamente positivo, pois enquanto as Ciências da Religião em países de primeiro mundo tiveram um avanço significativo, no terceiro mundo, esse avanço foi muito lento, a partir de um conhecimento fragmentado, provavelmente por esse aspecto, as CR no seu início no Brasil tenham trilhado o caminho de uma área que estava interligada a outras disciplinas. A partir do desenvolvimento do pensamento complexo, abre-se espaço para a transdisciplinaridade, inclusive nas CR, possibilitando a intersecção da área com áreas diversa de estudo e pesquisa.

Em seu texto, Ana Ester Pádua Freire (p. 169-184) afirma que a interdisciplinaridade permeia as Ciências da Religião, pois o estudo do fenômeno religioso utiliza-se de um instrumental científico-plural, com metodologias diversas. A partir dessa perspectiva, a autora apresenta uma proposta de diálogo das CR com o feminismo, que mesmo não sendo um movimento simpático ao mundo científico, por este ser predominantemente masculino, tem sido impactado tanto com a presença feminina como produtora da ciência, como objeto desta.

A entrada das mulheres na ciência alterou a maneira de fazer ciência, como também a forma de fazer pesquisa. Segundo a autora, a partir do século XX, o feminismo tem permeado saberes, trazendo diversas abordagens à cientificidade e proporcionando um maior acesso das mulheres à ciência. O feminismo é um movimento político, dinâmico, construído a partir das resistências, derrotas e conquistas das mulheres ao longo da história. O fazer ciência pelas feministas tem um caráter ético-político, através de uma práxis política, contrária à objetividade e neutralidade científicas do positivismo.



A epistemologia feminista é composta por uma diversidade de ideias, aproximações e argumentos, buscando reverter o preconceito de gênero da ciência tradicional, que é branca, androcêntrica e ocidental. Freire finaliza o texto, observando que as Ciências da Religião recebem contribuições de outros campos disciplinares, portanto, também lançam mão do referencial teórico-feminista, resgatando as mulheres de sua invisibilidade, e interpretando-as a partir de sua existência.

A autora faz uma crítica sobre a não presença de mulheres nas publicações da área de Ciências da Religião. Concordamos com o debate trazido por ela, ao abordar o feminismo, e como as características do movimento podem contribuir com debates dentro das CR. é perceptível o quanto a ciência é masculina, perceptível nos eventos da área, no corpo docente das universidades e nas publicações. É necessário que a epistemologia feminista e sua diversidade seja valorizada e traga novas perspectivas para as Ciências da Religião.

Recebida em 11/03/2024

Aprovada para publicação em 01/04/2024